

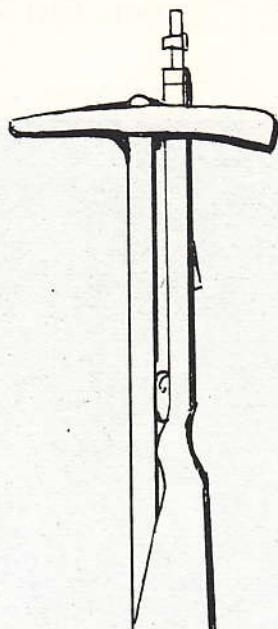
albania 3

terra do homem novo

Set/Out 75



neste número



- Portugueses que estiveram na Albânia falam da vida naquele país - sobre os Comícios da AAPA.... pag 1
Um deputado do Povo pag 3
Ao lado do homem, em todas as frentes da construção socialista..... pag 4
Uma base de produção
Numa Escola Secundária..... pag 6
POESIA Albanesa..... pag 7
A Reforma Agrária na Albânia..... pag 8
A posição da Albânia sobre a Conferência da "Insegurança" Europeia..... pag 10
Perguntas e Respostas..... pag 12
O "Meu" e o "Nosso"..... pag 14
A vida da Associação..... pag 16

Nota:

os artigos das páginas 3, 4, 6, e 14 são baseados em artigos editados pela revista albanesa "Albânia Nueva"

EDITORIAL

Amigos e camaradas:

A nossa Associação entrou numa nova fase de alargamento da sua actividade de divulgação da vida e da luta do povo albanês no caminho do socialismo, com vista ao desenvolvimento dos laços da amizade que unem o nosso povo ao povo da Albânia. O interesse que os camaradas albaneses mostraram pela nossa Associação abre-nos novas e amplas perspectivas de trabalho que não podemos nem queremos desperdiçar. Ora, a revista é um aspecto importante do nosso trabalho. Vamos, portanto, debruçar-nos brevemente sobre o que ela foi e sobre o que queremos que ela seja de ora em diante.

Como sabemos, ainda só saíram dois

números e, além disso, muito espaçados. Isso deveu-se não só a erros no nosso trabalho como às nossas poucas forças. Ultrapassados, em parte, estes obstáculos, pensamos que é da máxima importância a saída regular da revista. Vamos, portanto, publicá-la bimestral, lançando todo o nosso esforço para a tornar mensal no mais breve espaço de tempo possível.

Mas, amigos e camaradas, a questão não está só em assegurar uma publicação regular. Nós queremos que a revista seja um elo de ligação entre a Associação e os sócios, entre a Associação e todos os amigos da AL

para isso é necessário que os sócios e os amigos da Albânia participem nela e na

vida da Associação. Foi a pensar nisso que resolvemos criar uma nova secção na nossa revista: a secção de Correspondência — Perguntas e Respostas. Desde já fazemos aqui um apelo a todos os que nos lêem, a todos os amigos da Albânia: enviem-nos as vossas críticas e sugestões, as vossas perguntas sobre a Albânia. Participem na vida da Associação escrevendo para a revista, vindo até nós para colaborarem numa das nossas secções. A vossa ajuda é necessária para melhorarmos o nosso trabalho. Tornem-se colaboradores da nossa Associação, pois todos não somos muitos para o grande trabalho que há a realizar.

ASSOCIAÇÃO DE AMIZADE PORTUGAL-ALBÂNIA

Lisboa: Rua da Alegría, 76, 2º Esq

Porto: Rua D. João IV 380 1º

correspondência: apartado 2435, lisboa 2

correspondência: apartado 519, porto



EM LISBOA E NO PORTO, POR INICIATIVA DA ASSOCIAÇÃO DE AMIZADE PORTUGUESES QUE ESTIVERAM NA ALBÂNIA FALAM DA VIDA NAQUELE PAÍS

Aproveitando a recente visita de um grupo de portugueses à República Popular da Albânia, a Associação de Amizade decidiu levar a efeito dois Comícios, um em Lisboa e outro no Porto, onde algumas das pessoas que participaram nessa visita poderiam falar ao povo português sobre a realidade albanesa com a qual tinham estado em contacto durante cerca de um mês.

O Pavilhão dos Desportos (em Lisboa) e o Pavilhão do Académico (no Porto) encheram-se para acolher milhares de pessoas que, durante algum tempo ouviram falar Mariana Charrua e Eduardo Pires sobre a sua visita à Albânia.

«Vou tentar transmitir aquilo que senti enquanto estive na Albânia — começou Mariana Charrua — não vou falar de todas as conquistas do socialismo, vou falar de alguns aspectos. Isto não tem o carácter de um discurso mas sim o de focar coisas concretas tal qual eu as senti».

APOIARMO-NOS NAS NOSSAS PRÓPRIAS FORÇAS...

«Uma coisa que reparei mal cheguei foi que na Albânia, não há inscrições publicitárias. Existem muitas inscrições; a louvar o seu Partido e os seus dirigentes, a louvar o povo, a louvar a classe operária, a incitar os operários à produção, ao melhoramento do nível de vida do povo. Existe, aliás, uma inscrição que nos sensibilizou muito e que está escri-

ta numa montanha... 'Apoiarmo-nos nas nossas próprias forças. Não ceder às chantagens dos dólares, nem dos rublos'».

E mais adiante, «80 por cento do território albanês são montanhas, com 2.400 metros, ou mais; parecia-nos impossível arranjar comida para o povo albanês, quando 80 por cento do seu território é montanhoso e não se pode cultivar na maior parte das montanhas. E os albaneses hoje, não só conseguem alimentos para eles, como ainda exportam!

Mas não foi só na Agricultura que este progresso se verificou: veja-se o exemplo da saúde pública: «Na terra albanesa havia tantos pântanos que 40 por cento da população sofria de malária. Hoje, os médicos da Albânia não conseguem encontrar um doente para estudarem a malária e poderem ensinar os novos médicos a detectá-la. E o que é que eles fizeram a este respeito? Quando fomos visitar a cidade de Skodra atravessámos um vale e ficámos impressionados: era um vale que tinha 20 km de comprimento por 1 km de largura, todo constituído por uma seara de girassóis e de milho. E eu, que sou camponesa de origem, nunca tinha visto na minha vida uma coisa semelhante. Pois este vale tinha sido um pântano até à altura da Libertação!»

Referindo-se à forma como se processou a colectivização da agricultura e às dificuldades que foi necessário ultrapassar, Mariana Charrua contou-nos um

exemplo bem significativo: «Contava-se, a história de um camponês que, quando começou a colectivização na sua aldeia, era um camponês pobre, só tinha um boi, e que demorou muito tempo a entrar para a Cooperativa. Finalmente pegou no seu boi e foi para a cooperativa. Ali ele ficou encarregue de tratar dos estábulos, mas dava sempre muito mais feno ao seu boi do que aos outros que estavam no estábulo», via ainda o boi como seu e não como sendo de todos os camponeses da cooperativa. Foi preciso um grande esforço para ultrapassar a velha maneira de ver as coisas.

Referiu-se em seguida à difícil luta travada pelo povo albanês para reconstruir a Indústria devastada pela guerra, para industrializar o país, e ao auxílio internacionalista que lhe foi prestado, nos últimos anos pela China Popular. Antes de terminar focou o elevado nível cultural de todo o povo albanês, só possível pelo grande esforço feito nesse sentido e que se traduz pelo grande número de teatros, cinemas e casas de cultura que existem por todo o território albanês.

UM PAÍS DÉ DEMOCRACIA POPULAR!

Falou em seguida Eduardo Pires, que afirmou nomeadamente: «A Albânia é um país onde acabou a exploração do homem pelo homem, é um país de ditadura do proletariado há mais de 30 anos, um país de Democracia Popular.»



E, mais adiante: «(...) **As leis lá, como é que são feitas?** São postas à discussão através dos jornais. São discutidas. Vão para as fábricas, para os campos. Depois vão à Assembleia Popular. Essa Assembleia vota-a, e depois há um governo que a aplica. Ela é uma lei de vontade popular. (...) A Assembleia Popular começou nas montanhas, nas zonas libertadas, através de Conselhos Populares que eram constituídos pelas Brigadas Revolucionárias que lutavam contra os fascistas e contra os nazis. Esses Conselhos Populares eram já autênticos órgãos de poder: legislavam e detinham o poder, isto porque se estava numa situação de guerra. **Como é que são eleitos os candidatos da Assembleia Popular de hoje?** São propostos pela Frente, são camaradas de grande prestígio na fábrica, na Cooperativa, no trabalho. As suas biografias são escritas e são postas à discussão. Depois de os operários e os camponeses reunirem sobre esses candidatos, retiram aqueles que não agradam e só depois é que são postos à votação.»

O CONTROLE OPERÁRIO E UMA DAS MEDIDAS PARA QUE A CLASSE OPERÁRIA CONTROLE TUDO

Focou, em seguida o que é e como se exerce o controle operário: «O controlo operário é uma das medidas para que a classe operária controle tudo. (...) Num fábrica por exemplo há um problema qualquer. O colectivo dos operários dessa fábrica elege uma Comissão de Controle Operário, composta por operários

da fábrica. Essa Comissão passa por cima dos Sindicatos, por cima da Frente, por cima de tudo, inclusive por cima da célula do Partido da fábrica e vai direita ao ministro, pede inquéritos, medidas concretas. Qualquer operário tem direito de fazer todas as críticas que quiser, ao Estado, às instituições mais respeitadas da Albânia.»

TODA A GENTE TEM QUE FAZER UM MÊS NA PRODUÇÃO

«Toda a gente tem de fazer um mês de produção - prosseguiu E. Pires. O camarada Mehmet Shehu, primeiro ministro, grande herói nacional, amado pelo povo da Albânia é um camarada que quando chega o seu mês de trabalho na produção, lá tem que ir guiar um tractor para a cooperativa... É controlado pela célula do Partido, pelo seu trabalho de produção»

A terminar Eduardo Pires falou-nos sobre o exército albanês: «Em 15 minutos todo o povo albanês searma para defender a sua Independência Nacional, que é a coisa mais cara que o povo albanês tem.»

O POVO ALBANÊS RECEBE OS AMIGOS NO CORAÇÃO E OS INIMIGOS NA PONTA DO CANHÃO!

«O povo albanês está todo armado, mas é para se defender; o povo albanês é um povo pacífico. O Povo albanês

recebe os amigos no coração e os inimigos na ponta do canhão. E contou, a este respeito um episódio elucidativo:

«Quando em 1959 Kruchtchev visitou a Albânia ainda se viam campões de espingarda ao ombro a lavrar a terra; estava-se ainda numa situação em que os titistas da Jugoslávia queriam anexar a Albânia à Jugoslávia e é evidente que os albaneses tinham que estar mais perto das armas. (...) Kruchtchev perguntou então porque é que o camponês andava assim com a arma, se isso não os incomodava, se não lhes impedia os movimentos. Foi-lhe respondido que isso era verdade, mas que se estava em condições difíceis, militares, políticas, económicas, etc... Perguntou de novo Kruchtchev: «e vocês não têm medo que essas armas se voltem contra vocês? Não, camarada Kruchtchev - responderam-lhe - se a classe operária e o povo camponês se voltar um dia contra nós é porque nós os traímos! Ao que Kruchtchev respondeu: «vocês são uns militaristas!»...»

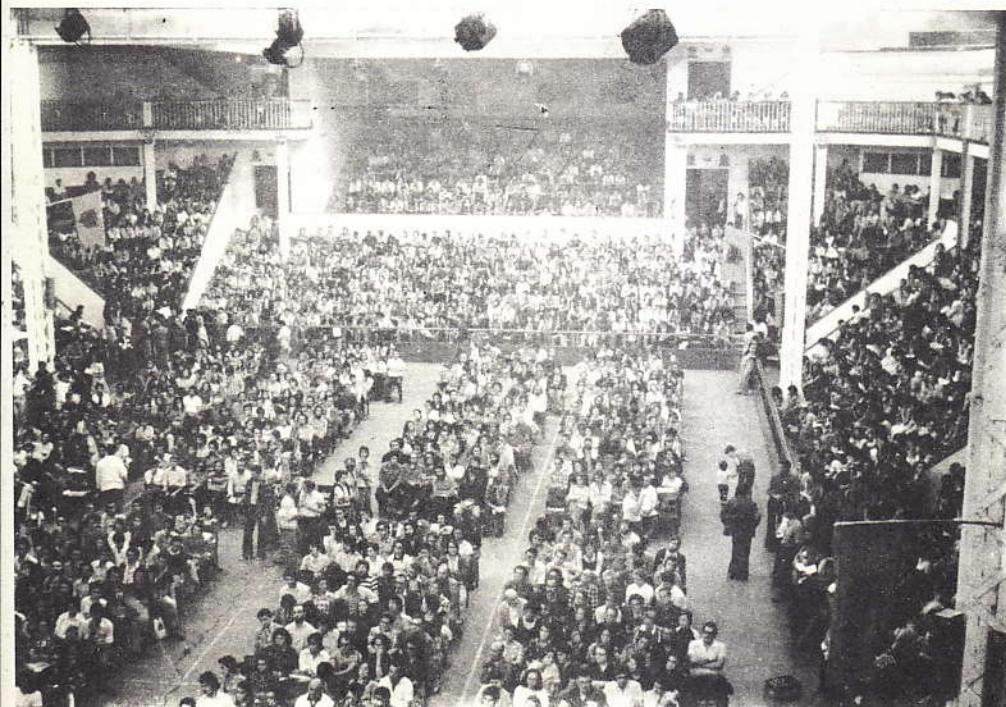
As intervenções prolongaram-se ainda durante algum tempo em resposta a uma série de perguntas feitas à mesa por numerosas pessoas da Assembleia.

A AMIZADE DO POVO PORTUGUÊS PELO POVO ALBANÊS E INDESTRUTIVEL !

Deu-se então início à projecção de um filme emprestado pela República Popular da Albânia que relata um episódio da luta de Libertação Nacional. O heróico povo albanês, as figuras imortais dos combatentes da Libertação, a luta contra os invasores italianos e contra os traidores que semeavam a dúvida e a discordia entre o povo, a confiança sempre crescente que o povo tinha na sua vitória, tudo isto passou pelos nossos olhos.

As deficiências do sistema de som, pelas quais nos autocriticamos foram sem dúvida anuladas em parte pela força e pelo entusiasmo que cada uma das imagens do filme transmitia. Nos fortes aplausos que se fizeram ouvir ficou bem expressa a homenagem que o povo português presta à luta heróica do povo albanês.

as intervenções e as fotografias referem-se ao Comício realizado em Lisboa.



um deputado do povo

— Procura o presidente? Não está aqui...

Tinha ido fazer uma visita pelos diversos sectores de produção. Mas a que sector? A cooperativa agrícola unificada de Borizan tem hoje uma ampla extensão. É a maior cooperativa agrícola do distrito de Kruja.

O chefe de planificação da dita cooperativa, disse, ao ver a nossa preocupação:

— Acompanha-los-ei para que o possam encontrar...

E partimos em busca de Muharrem Seferi. Quando chegámos a um sector disseram-nos:

— Esteve aqui há algumas horas e deu-nos algumas instruções... Agora encontra-se certamente no segundo sector.

Prosseguimos a busca.

— O nosso presidente não gosta de ficar na oficina — começou a explicar-nos o nosso acompanhante. Podemos sempre vê-lo assim, percorrendo os sectores e entre os cooperativistas.

Estávamos à procura do presidente para escrever algo sobre ele e sobre a cooperativa que dirige.

— A nossa cooperativa foi uma das primeiras no distrito de Kruja. Constitui-se com 22 famílias camponesas em Setembro de 1956. Desde o primeiro dia elegemos como presidente Muharrem Seferi.

Porquê justamente Muharrem? O nosso acompanhante contou-nos que Muharrem não tinha nenhuma preparação particular para isso. Neste aspecto não se distinguia dos demais habitantes de Borizan. Antes da libertação estudou, com grandes sacrifícios, quatro anos da escola primária. Mas cresceu tratando mais do gado do que entre as paredes da sua velha casa. Logo pegou em armas e alistou-se nas filas guerrilheiras. Nos primeiros anos depois da libertação continuou a servir no exército. Nesse tempo as terras que pertenciam aos bey(1) foram entregues aos camponeses: a terra era para aquele que a trabalhava. E assim foi também em Borizan... Muharrem

chegou à aldeia com objectivos de alto alcance. Em muitas regiões da Albânia tinham-se constituído cooperativas agrícolas colectivas. Os camponeses reuniam os seus instrumentos de trabalho, deixavam abaixo os valados e iniciavam o trabalho da cooperativa com vista a melhorarem a sua situação. Era uma ideia e um passo ousado para que as aldeias entrassem numa nova época. Mas que seria de Borizan? Muharrem Seferi e os seus camaradas decidiram que a sua aldeia ingressaria também numa nova época.

Num só dia às 22 famílias camponesas uniram-se outras 85, e o resto logo seguiu o seu exemplo. Mais tarde uniram-se a Borizan outras seis aldeias... As sete aldeias, como sete irmãos, criaram assim uma grande exploração agrícola.

Muharrem trouxe do exército a ordem, a disciplina. Um traço característico da sua personalidade é que luta sempre pelo novo, pelo progressista. Não foge ao trabalho: ali onde seja difícil verão o nosso presidente a trabalhar.

Assim aconteceu quando se secaram os pântanos, quando se arrotaram as terras dos bosques degradados. A cooperativa ganhou milhares de hectares de novas terras férteis. Mas Muharrem não se sentia satisfeito: bastar-lhe-ia a ele a pouca experiência que tinha para dirigir, quando a ignorância cedia lugar ao estudo científico no campo? O presidente, apesar de ter 40 anos, seguiu estudos superiores para a especialização da agricultura.

— Com esta idade era um passo difícil para ele, tendo em conta que era pai de muitos filhos. Mas Muharrem conta com o principal: uma vontade férrea.

Depois de terminar os seus estudos de agronomia, o livro converteu-se no seu melhor amigo. Nele se juntavam a razão sá, a experiência e os conhecimentos. Entrava em debates com os especialistas sobre diversos problemas.

(...) No caminho, enquanto procurávamos o presidente, o chefe de planifi-

cação mostrou-nos modernas obras agrícolas. Em comparação com os dez anos anteriores, nesta cooperativa o gado bovino triplicou, há 50 vezes mais aves, 30 vezes mais gado menor, etc. Estão a ponto de se inaugurem modernas estufas e um palácio de cultura com uma sala de representações de 380 localidades. Em todo o lado as novas vivendas chamam a atenção. O nosso acompanhante explicou-nos:

— São muito poucas as famílias que não construiram novas vivendas, dotadas de todas as comodidades necessárias.

Quando nos aproximávamo do sector de Thuman, acrescentou:

— Este ano elegeram Muharrem deputado à Assembleia Popular pela quarta vez. Votaram todos sem exceção e todos os votos eram para ele. Em fins de Outubro de 1974, no decurso da primeira reunião da Assembleia Popular, o nosso presidente foi eleito membro do Presidium da Assembleia Popular.

Todas as explicações que escutei atentamente ajudaram-me a formar uma ideia clara sobre Muharrem. Nunca me tinha encontrado com ele, por isso a minha curiosidade em conhecê-lo ia aumentando. O nosso acompanhante ia dizer-nos algo quando de repente se dirigiu ao motorista:

— Pare o carro!... Ali está o presidente!

Descemos do veículo. Encontrávamo-nos no sector de Thuman. Perante os nossos olhos estendia-se uma planície sem fim. Tempos atrás esta zona estava dizimada pela malária.

Perto de um edifício estavam reunidas várias pessoas. Uma delas distinguia-se das demais pela sua elevada estatura. Trazia um fato cor de café e uma boina na cabeça. O nosso acompanhante aproximou-se dele e assinalou-o com o dedo.

Era Muharrem Seferi...»

Shaban Vani

(Albania Nueva, 1-1975)

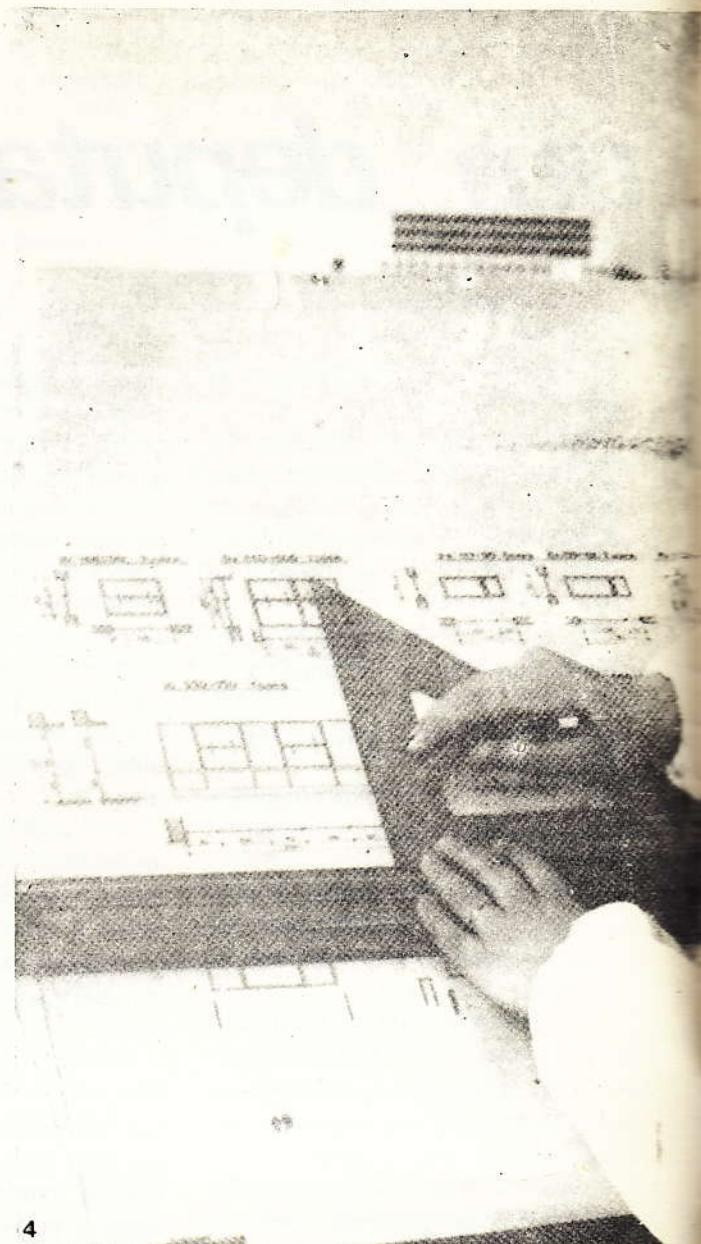
1



2



3



1 Na fotografia: Marta Preng Biba, deputada à Assembleia Popular, com os membros da brigada que dirige a Cooperativa Agrícola de Gjorm, na região de Puka.

2 A mulher albanesa participa activamente no movimento artístico amador, onde quer que trabalhe, nos bairros, fábricas ou cooperativas agrícolas. Na fotografia: Estas três dançarinas fazem parte do grupo amador da zona de Narta, região de Vlora.

3 Das mãos desta tecedeira saiem carpetes e tapeçarias com belos motivos albaneses.

4 A jovem arquitecta Vjollca Kobili.

5 Nos anos que se seguiram à libertação, o serviço médico estendeu-se às zonas mais afastadas do país, para que tal pudesse acontecer foram construídos estabelecimentos sanitários modernamente equipados. Na fotografia: um centro de serviço médico na longinqua zona montanhosa de Skrapar.



AO LADO DO HOMEM EM TODAS AS FRENTES DA CONSTRUÇÃO SOCIALISTA

- NO COMEÇO DE 1974, AS MULHERES CONSTITUÍAM 47% DE TODOS OS TRABALHADORES DA ALBÂNIA. NA INDÚSTRIA, EM GERAL, REPRESENTAVAM 42%; NA INDÚSTRIA LIGEIRA, 84%; NAS QUINTAS DE ESTADO, 40,8%; NO COMÉRCIO 52,7%; E NA SAÚDE 71,1%

- NOS PRIMEIROS MESES DE 1974, AS MULHERES REPRESENTAVAM 43% DOS ESPECIALISTAS MÉDIOS, E 21% DOS SUPERIORES; 13,3% DOS ENGENHEIROS SÃO MULHERES. NAS ESCOLAS MÉDIAS, AS JOVENS CONSTITUEM 48% DOS ESTUDANTES E CHEGA A 1350 O NÚMERO DAS PROFESSORAS NESTA ESCOLA. CERCA DE 50% DOS PARTICIPANTES NO MOVIMENTO ARTÍSTICO AMADOR SÃO MULHERES.

- AS MULHERES CONSTITUEM 40% DOS ELEITOS NOS ORGANISMOS DO PODER LOCAL. 88 MULHERES FORAM ELEITAS DEPUTADAS A ASSEMBLÉIA POPULAR, ORGANISMO ESTATAL SUPREMO NA REP. POP. DA ALBANIA. DO NÚMERO TOTAL DOS MILITANTES DO PARTIDO DO TRABALHO, 25% SÃO MULHERES.



UMA BASE DE PRODUÇÃO NUMA ESCOLA SECUNDÁRIA

O ensino obrigatório na Albânia é de 8 anos e todas as crianças frequentam a escola a partir dos 6 anos. Chegar a esta situação não foi tarefa fácil, principalmente nas afastadas zonas montanhosas, onde as aldeias e as próprias casas estão longe umas das outras e os contactos são difíceis de fazer.

Neste momento em todas as aldeias, vilas e cidades do país há escolas e de facto, todas as crianças as frequentam. São diversas as matérias que se dão na escola de 8 anos e variam conforme os graus, mas em todas elas o objectivo máximo é o de ligar cada vez melhor a teoria com a prática, os conhecimentos adquiridos na escola com a vida.

Foi com esta ideia, que há uns anos, na escola secundária de ensino geral «Qemal Stafa», se tentou fazer uma experiência em que os alunos pudessem aplicar na produção aquilo que aprenderam nos cursos. Depois de grandes discussões entre a maioria dos elementos do colectivo escolar, havia um certo número de professores que julgavam que a execução do trabalho de produção na escola traria prejuízo à qualidade dos cursos e diminuiria a importância do papel da teoria, mas como a grande maioria estava de acordo, lançaram-se decididamente ao trabalho.

Ao fim de um certo tempo conseguiram erguer uma pequena oficina, que tinha características de uma base de produção de vários ramos, com oficinas mecânicas, uma oficina de ajustadores, uma carpintaria, e uma oficina servindo para os trabalhos eléctricos e também para os químicos. Começaram com estes ramos de produção, baseando-se no princípio segundo o qual, o conteúdo do ensino politécnico, não pode comportar todas as noções técnicas e práticas de todos os ramos, mas apenas dos principais, e atendendo ao estado actual e às perspectivas do futuro desenvolvimento económico e cultural do país.

De ano para ano dotaram-se as oficinas com novos equipamentos e agora têm o aspecto de uma verdadeira base de produção.

As decisões do Partido sobre a revolucionarização da escola albanesa, forneceram um novo impulso ao trabalho e abriram novos horizontes a esta obra experimental. Os alunos e o corpo de professores



deitaram mãos à obra com forças dez vezes maiores para traduzir na prática o que exigia o desenvolvimento da escola nova.

É normal, nos corredores da escola, encontrar-se estudantes com fatos-macaco e as mãos sujas de óleo dos seus trabalhos nas oficinas. Os alunos dos últimos anos efectuam o seu trabalho de produção durante 8 semanas nas diferentes oficinas da base de produção. Neste período os alunos trabalham 6h por dia. Ao mesmo tempo que fazem este trabalho os alunos têm aulas sobre a teoria da especialidade. Cada aluno tem o seu posto de trabalho e esta experiência, escalonando-se num período de 5 anos, vem dar formação suficiente aos alunos para que no 3º e 4º venham a ser admitidos como operários nas diferentes empresas da capital.

Todos os produtos fabricados na escola têm aplicação prática, seja para a própria escola, seja para ajudar as outras. São variados e de diversos tipos, e todos eles têm alta qualidade técnica: máquinas pa-

ra trabalhar madeira (máquinas combinadas), equipamentos em madeira destinados aos laboratórios de química e de desenho técnico. O que mais prende a atenção das pessoas que visitam a escola são os modelos activo-dinâmicos para a produção de ácido sulfúrico, ácido clorídrico e para destilar a água.

Esta experiência foi muito válida e trouxe grandes ensinamentos para todos os sectores do ensino, pois desde o começo foram rejeitadas as concepções erradas segundo as quais a base de produção iria enfraquecer a formação teórica dos alunos e que iria torná-los simples praticantes. Durante 5 anos de experiência, a produção não entravou de modo algum o ensino, pelo contrário ajudou a elevar o nível da assimilação da teoria e a integração dos estudantes no modo de produção.

(Seit Tajaf — sub-director da Escola secundária de ensino secundário geral «Qemal Stafa» — Albania Nueva - 73)

POESIA ALBANESA

AS FORJAS DOS TRACTORES

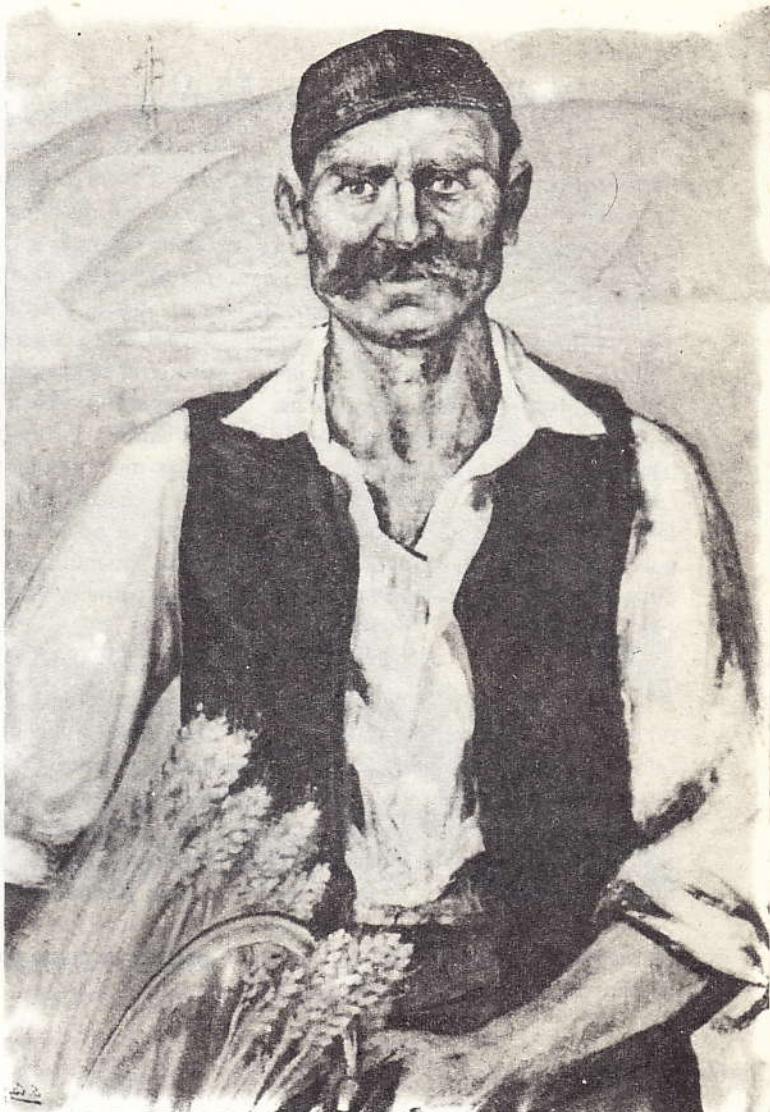
As máquinas avançam sobre a ponte rolante
O forno eléctrico descerra a goela
Os gases apertam-se, oprimem-se nos tubos
E o fluido doirado é moldado em brocado

O arco eléctrico incendeia de cor os rostos
Rudes
Rubro-relâmpagos
dos operários
Tudo invade a énergia
rebentando em cores
Nestas novas forjas dos tractores.

Entre ferro e fogo é forjado
Pelo martelo-pilão o mínimo vermelho
Brotam e brilham milhares de faíscas
Também charruas e tractores brotarão.

A grua estende baloiçante a sua flecha
Sobre nós:
caixas e caixas de mineral;
Vim para aqui trabalhar
Para que no cadinho do pensamento
Irrompam versos
forjados no metal.

As máquinas avançam sobre o pórtico rolante
Em série as peças são trabalhadas;
E tractores são trigo e mais trigo
Nos nossos campos repletos e sorridentes.



O ANIVERSÁRIO DA XII BRIGADA

Desfilam os velhos combatentes, os que fizeram a guerra
Nas suas fileiras faltam os que tombaram.
Desfilam as batalhas, as feridas, os cantos,
E, entre eles,
Também uma mulher grávida.

Olhei-a e pensei de imediato:
Eis a Albânia:
Uma clareira sorridente, as baionetas cintilantes,
E nas entranhas a criança,
Marcha ao passo do soldado nas fileiras.

A REFORMA AGRÁRIA

A VIDA DOS CAMPONESES ANTES DA LIBERTAÇÃO

A Albânia de Zog (aventureiro que subiu ao poder pela força e se auto-proclamou rei, profundamente anti-popular e que vendeu o país ao capital estrangeiro) era o país mais atrasado da Europa, onde a indústria praticamente não existia. A agricultura era muito primitiva e as relações sociais no campo tinham **fortes reminescências feudais**.

Nas vésperas da Reforma Agrária, perto de 80 por cento da população camponesa dispunha de menos de um terço da terra, enquanto que um pequeno punhado de camponeses ricos possuía mais de um quarto da terra

arável. É de acrescentar a este quadro que a terra possuída pelos latifundiários era a mais fértil, embora não existissem grandes explorações modernas, porque os proprietários exploravam o solo através dos camponeses, que cultivavam individualmente pequenos lotes de terra, sendo obrigados a entregar ao proprietário a parte mais importante da colheita. Os latifundiários possuíam ainda as melhores pastagens, florestas e a maior parte do sistema de irrigação, sujeito a pesados impostos, que representavam muitas vezes mais de um terço da colheita.

AS PRIMEIRAS MEDIDAS

Impunha-se, assim, após a libertação do país, em Novembro de 1944, uma reforma agrária que abolisse as antigas relações agrárias opressivas e realizasse plenamente a palavra de ordem do Partido do Trabalho da Albânia: «**A terra a quem a trabalha**».

Nos primeiros meses de 1945, além de medidas imediatas sobre a nacionalização do conjunto do sistema de irri-

gação, para ser usado em pé de igualdade e gratuitamente por todo o campesinato, foram criados os Comités de Camponeses Pobres, que desempenharam um papel político muito importante na preparação e execução da Reforma Agrária, tendo contribuído principalmente para elevar a consciência política de classe do campesinato pobre.

A LEI DE 29 DE ABRIL

Esta lei **aboliu a propriedade senhorial baseada no sistema feudal, expropriando os grandes proprietários e distribuindo a terra pelas famílias que dela tinham pouca ou nenhuma**, ao mesmo tempo que instituía uma nova forma de propriedade, socialista — **as explorações agrícolas de Estado**. Estas empregavam métodos de cultura avançados e ajudavam os camponeses com sementes, plantas e adubos.

No entanto, esta lei não conduziu ainda à expropriação total e sem indemnização dos grandes proprietários, que tinham ainda a possibilidade de ficarem com uma parcela de terra relativamente grande (40 ha, no máximo). Além disso, os médios proprietários (7 ha) que não cultivavam a terra tinham a fazer, não sendo ainda expropriados. Num total de 172.000 hectares, 100.000 ficaram por expropriar.

Das terras expropriadas, uma parte ficava para o Estado e a outra era distribuída aos camponeses. Os Comités de Camponeses Pobres faziam a lista das famílias que tinham pouca ou nenhuma terra, recenseavam com precisão as terras do Estado e dos grandes proprietários e inimigos do povo e procediam à distribuição, em estreita colaboração com os grupos técnicos que classificavam e mediavam a terra.

Cada família recebia um mínimo de terra de qualidade média, que podia ser aumentada ou diminuída conforme a terra fosse de qualidade inferior ou superior à média.

É de salientar os seguintes aspectos:

BALANÇO DA REFORMA

A Reforma Agrária foi terminada em 14 meses e meio após a promulgação da lei. Foi uma autêntica revolução nas relações socio-económicas no campo, melhorando sensivelmente as condições de vida dos camponeses. O seu conteúdo era **anti-feudal e anti-imperialista**, destruindo as sobrevivências do feudalismo e pondo fim à penetração do capital es-



"Não desperdiçar um só grão: tornar as montanhas tão férteis como as planícies!" eis os princípios pelos quais se guia a Agricultura na Albânia

AGRÁRIA NA ALBÂNIA

AGOSTO DE 1945

importantes da lei: 1— o facto de não ter havido (tal como em Outubro de 1917 na Rússia) nacionalização do solo. As terras eram distribuídas a título de propriedade privada, embora com importantes limitações: as terras que ficavam por expropriar e as terras distribuídas não podiam ser divididas, alienadas, arrendadas nem hipotecadas. Qualquer camponês beneficiário da lei seria expropriado se deixasse a terra inculta durante mais de um ano. E 2— o facto de uma parte das terras expropriadas, não ter sido distribuída, servindo para a criação de um sector socialista de Estado, que deu origem às explorações-modelo, com métodos agrícolas modernos, que tiveram um importante papel na colectivização.

As já referidas imperfeições desta lei foram depois reconhecidas e corrigidas. Deveram-se à influência de elementos ligados à Jugoslávia, que fez na altura várias tentativas frustradas de ingerência nos assuntos internos da Albânia. Chegaram mesmo a corromper um elemento do governo, Sejfuela Malishova, que foi desmascarada e afastada da Reforma Agrária.

Foi o decreto-lei de 27 de Maio de 1946 que corrigiu esses defeitos, levando a Reforma Agrária até ao fim. Eram totalmente expropriados os proprietários que não cultivassem eles próprios a terra, e ficou definido que cada família não obtinha mais de 5 ha. Previam-se algumas indemnizações aos proprietários expropriados que não tivessem outras fontes de rendimentos e ficassem em situação económica difícil.

REFORMA AGRÁRIA

strangeiro no país, cujos principais agentes eram os grandes proprietários. Além disso, pelas medidas de limitação dos direitos de propriedade privada sobre a terra e pela criação de um sector socialista de Estado na agricultura, era já pronunciadamente anti-capitalista.

Mas o fundamental da Reforma Agrária na Albânia foi ter sido realizada directa-



A mecanização da Agricultura teve um papel muito importante na realização da Reforma Agrária.

mente pelo povo, pelas largas massas do campesinato trabalhador, organizado nos Comités de Camponeses Pobres.

Estes ajudaram à justa distribuição das terras expropriadas e, sobretudo, mobilizaram os camponeses para a vigilância e o combate à actividade hostil dos grandes proprietários e de todas as outras forças reaccionárias que desde o início se opuseram à Reforma Agrária. Foi através dessa densa luta de classes que se eleva a consciência política de classe dos camponeses pobres.

A Reforma Agrária foi o primeiro degrau na transformação socialista dos campos. (Em breve editaremos uma brochura sobre os restantes passos dessa socialização e os actuais êxitos da agricultura na Albânia).

De país agrícola atrasado, a Albânia transformou-se em país agrícola-indus-

trial, e neste momento é já um país industrial-agrícola em que as tarefas essenciais da agricultura consistem em satisfazer as necessidades alimentares da população, fornecer matérias-primas à indústria, aumentar a produção cerealífera e as exportações. Todos os anos aumenta a superfície arável; os pântanos foram drenados e cultivados, bem como regiões montanhosas que anteriormente nunca tinham sido arroteadas. Em 1965 a superfície da terra arável elevou-se a 523.000 ha, ou seja, mais de um terço da superfície cultivada em 1938. A total electrificação das aldeias permitiu o uso de máquinas e equipamentos modernos; os adubos são usados segundo critérios científicos. A produção agrícola aumenta sem cessar obtendo todos os anos novos êxitos, e o progresso económico e cultural faz-se sentir cada vez mais nos campos.



A POSIÇÃO DA ALBÂNIA SOBRE A

CONFERÊNCIA DA "INSEGURANÇA" EUROPEIA

Como é do conhecimento público, realizou-se em fins de Julho passado a chamada Conferência de Segurança e Cooperação Europeia, patrocinada pela Rússia e pelos Estados Unidos. As notícias vindas à lume na imprensa diária portuguesa referiam que a República Popular da Albânia era o único país europeu que não participava na Conferência, mas não explicavam porquê. Cabe-nos, portanto, a nós divulgar a posição da Albânia sobre esta questão e os motivos da sua recusa em participar na Conferência.

O que ameaça a Europa?

Como o nome indica, a Conferência destinava-se a discutir problemas de segurança da Europa. E se isto se discute é porque alguma coisa ameaça a Europa. Para os albaneses «... as questões que se punham antes do início das negociações sobre a Conferência de Segurança Europeia, que se põem ainda hoje e que se porão sempre no futuro, são as seguintes: que é que ameaça a Europa? Contra quem devem os povos europeus garantir a sua segurança? É a Bélgica ou a Suíça, a Finlândia ou a Áustria, que põem em perigo a paz e a segurança

na Europa para que se considere necessário que outros países europeus como estes, se comprometam oficialmente a renunciar às ameaças e ao recurso à força? A resposta não é difícil, toda a gente a conhece: são o imperialismo americano e o social-imperialismo soviético, a sua política agressiva e expansionista, os seus blocos militares, os seus exércitos e as bases que mantêm nos outros países, que ameaçam directa e permanentemente a paz e a segurança na Europa. São a política das zonas de influência que as duas super-potências seguem, as práticas imperialistas das clientelas políticas e das intervenções nos assuntos internos de outrem, a política neo-colonialista e o seu apetite insaciável em submeter e dominar os povos e as nações, que ameaçam e põem em perigo a liberdade e a independência dos povos europeus. São a chantagem atómica soviético-americana, as suas aventuras militares, os seus preparativos apressados com vista a uma terceira guerra mundial, que constituem um perigo e uma ameaça para a Europa».

«Longe dos olhos e dos ouvidos dos outros...»

Com toda a propaganda feita em

torno desta Conferência, muita gente tinha esperança de que ela «reforçaria a independência de alguns países que estão sob a dominação ou sob a influência da União Soviética e dos Estados Unidos, que esta Conferência impeliria outros países em direcção à autonomia...». Os albaneses consideram que esta esperança não passa de uma ilusão porque «...a realidade demonstrou que o peso dos outros países participantes na fixação dos objectivos da Conferência na redacção dos projectos, das teses e das idéias foi muito pequeno e o seu papel foi insignificante. As duas superpotências discutiam e decidiam sobre a Conferência, não só longe dos olhos e ouvidos dos outros, mas ainda contra os interesses dos outros. Até mesmo a data final da reunião só foi fixada no seguimento das negociações Gromyko-Kissinger de Genebra».

O que preocupa a Rússia e os Estados Unidos?

Ao ler documentos da Conferência tornados públicos, poder-se-ia pensar que eles não contêm condições políticas obrigatórias, obrigações militares, etc., e que, portanto, ninguém se comprometeria nem teria as mãos atadas. Os alban-

ses não pensam assim. Para eles "... a União Soviética e os Estados Unidos, pelo subterfúgio da Conferência de Helsínquia, impuseram aos outros um documento internacional pelo qual se reconhece e aceita de facto o status quo da Europa, quer dizer, reconhece-se e admite-se as zonas de influência, reconhece-se e admite-se a dominação política, militar e económica de numerosos países do nosso continente pelos imperialistas americanos e pelos social-imperialistas soviéticos. Das negociações levadas a cabo até hoje, resulta de maneira explícita que, longe de se preocuparem com a verdadeira segurança na Europa, a União Soviética e os Estados Unidos preocupam-se com a segurança das suas zonas de influência, com as suas bases políticas e militares, com a supressão das barreiras que entravam à extensão da sua hegemonia política e económica, com o apaziguamento das rectaguardas, para se dirigirem com mais força e um peso maior em direcção às zonas onde se criaram os "vazios", onde se desenvolvem a revolução e as lutas de libertação dos povos».

As questões militares

Outra das questões importantes desta Conferência diz respeito aos aspectos militares.

Os dois super-grandes não aceitaram discutir estes aspectos apesar da insistência de alguns participantes. Isto é tanto mais estranho quando toda a gente sabe que a segurança de qualquer país implica aspectos militares. Porquê então a recusa em os discutir? Para os albaneses a questão é clara: as duas super-potências não aceitaram discutir as questões militares, «...porque querem que os povos europeus não estejam em segurança e que sejam fracos para que possam impôr-lhes mais facilmente a sua vontade e mando, porque querem privá-los das possibilidades e das forças de auto-defesa, da capacidade de se oporem à lei que elas querem estabelecer na Europa. Os imperialistas americanos e os social-imperialistas soviéticos querem obrigar os outros países a permanecer desarmados ou então com um armamento limitado e inoperante face ao crescente poderio militar das duas super-potências, elas querem obrigar-los a ficar passivos e impotentes face à perfeição crescente dos armamentos, face à multiplicação das bases militares e o aumento dos orçamentos de guerra. Os dados militares de segurança foram omitidos em Helsínquia porque as

duas super-potências querem manter viva, a todo o preço, a psicose do medo e da guerra. As duas super-potências querem introduzir a segurança militar dos países europeus sob os seus dois guarda-chuvas que, como disse o camarada Enver Hoxha, tem por objectivo deixar os povos e os países diante desta alternativa, para que, se quiserem sobreviver, tenham de escolher entre uma ou outra super-potência sem mais pensarem por si próprios e para que a sua vontade e a sua liberdade estejam ligadas a estas duas hidras».

«Uma nova teia de aranha das duas super-potências»

Dizem os albaneses: «como é que se pode falar duma Europa em segurança quando ela está juncada de bases militares estrangeiras e de bombas atómicas pertencentes às duas super-potências, de centenas de milhares de soldados, de tanques e de inumeráveis aviões soviéticos e americanos?» É por isso que para os albaneses «os acordos sobre a segurança europeia constituem uma nova teia de aranha das duas super-potências para melhor apanharem os seus aliados e os outros».

Estas são algumas das razões que levaram a Albânia a não participar na Conferência. Mas não foram só eles que não estiveram presentes; segundo os albaneses, os povos também estiveram ausentes e isto é importante para a Albânia.

O único caminho é a luta

O povo albanês toma esta posição imbuído da autoridade que lhe confere uma tradição secular de luta pela Independência Nacional em que milhares de patriotas morreram lutando contra os invasores gregos, turcos, italianos e alemães. O povo albanês conquistou a Independência Nacional por uma luta sem quartel contra os agressores e ocupantes estrangeiros, nunca entrando em compromissos ou pactuando com eles. É por isso que a Albânia aponta aos povos europeus o caminho da luta.

«Não é com ilusões e com esperanças fundadas sobre o "bom senso" e o "realismo" dos imperialistas americanos e dos social-imperialistas soviéticos que podemos chegar ao desanuvamento e afastar o perigo de guerra. Estes dois pontos constituem um objectivo que os povos devem atingir eles próprios, opondo-se à política hegemónica e de conquistas das duas super-potências, denunciando e impedindo as suas manobras diplomáticas enganadoras, lutando contra a falsa psicose pacifista que elas propagam, reforçando o sentimento da defesa da liberdade e da dignidade nacional dos povos e dos Estados independentes, reforçando antes de tudo o espírito revolucionário e a unidade internacional do proletariado e dos trabalhadores do mundo inteiro. A verdadeira paz e segurança da Europa, não é qualquer coisa que a Europa possa receber de presente por

continua na pag 13



O Exército Popular, estreitamente ligado ao Povo Albanês defende com resolução as conquistas e as vitórias já alcançadas.

PERGUNTAS E

No Comício que se realizou em Lisboa e que vem noticiado noutro local desta revista, muitas foram as perguntas dirigidas à mesa que, devido à falta de tempo, não chegaram a ser respondidas. Comprometemo-nos, na altura, a fazê-lo através da revista da Associação e apelámos para que todas as pessoas que quizessem ser esclarecidas sobre alguma questão particular da realidade albanesa



Pergunta:

Qual o lugar da Arte e artesanato (principalmente artes plásticas) e das actividades culturais (cinema, teatro, etc.)? Que apoio existe em relação aos artistas plásticos?

Resposta:

Além da luta pela abundância e o bem-estar do povo, a Arte e todas as actividades culturais desempenham na Albânia socialista um importante papel na construção do homem novo.

A este respeito diz Enver Hoxha que o artista socialista só poderá cumprir verdadeiramente a sua missão e servir o povo com a sua arte se estiver vinculado à sociedade, aos trabalhadores, ao barro, aos frutos e às flores desta terra, às altas chaminés dos complexos industriais e às preocupações e alegrias dos homens nos seus lares. Se seguir esta via, «a vida no nosso país é tão grande, tão ampla, tão

variada, tão bela e tão rica que, se um artista nela mergulhar, não pode deixar de se sentir inspirado para escrever novelas, poesias, dramas, comédias, obras musicais e todo o género de arte que mais lhe agradar. Ensinemos os jovens literatos e artistas a ler o livro aberto da vida socialista no nosso país, a estudar e a compreender o conteúdo deste maravilhoso livro. Façamos com que se en amorem de cada 'letra' deste livro da vida, que vejam e sintam como palpita poderosamente a força, os sentimentos e os ardentes desejos do povo.»

As obras dos autores consagrados na poesia, prosa, música e pintura são o principal objecto de estudo e modelo de inspiração dos jovens artistas, no que diz respeito à ética, conteúdo e tratamento dos problemas. A crítica objectiva e construtiva é encorajada.

O teatro tem um grande papel, prin-

cipalmente no campo, havendo em todas as cooperativas agrícolas grupos de teatro e de cantores e bailarinos populares. As casas de cultura das cooperativas são centros de cultura popular, onde se estimula a criatividade das massas. A Albânia tem excelentes actores, muitos deles de nível mundial, e actualmente incentiva-se a criação cinematográfica, para aumentar a produção anual de filmes, que é considerada ainda insuficiente.

O apoio dado aos artistas plásticos é o mesmo que existe em relação a todos os outros sectores da arte e cultura. A Liga de Escritores e Artistas é um centro de vivo debate de opiniões filosóficas, artísticas e estéticas. Ouçamos Ismail Kadorë, consagrado romancista: «O desenvolvimento da literatura e da arte nestes 30 anos da Albânia socialista, deixa por terra todas as calúnias dos lacaios do capital, contra a arte proletária. A arte e a literatura albanesa jamais conheceram tão grande desenvolvimento, quantitativo e qualitativo, como agora. A sociedade colocou muitos de nós, escritores e artistas albaneses, em inteira liberdade para criar, e a muitos outros concede, periodicamente, amplos períodos de tempos livres... Devemos criar obras, sempre de elevado conteúdo, que se tornem queridas das massas. Este importante objectivo está sempre presente na nossa actividade criadora.»



orgãos de imprensa com uma tiragem muito limitada, visto que oitenta por cento da população era analfabeta. Hoje existem mais de 60 orgãos de imprensa diários e periódicos, o que mostra bem os progressos realizados pela Albânia, depois da libertação, nomeadamente no campo da alfabetização de toda a população.

O principal jornal, o de maior tiragem é o diário «Zeri i Popullit», órgão central do Partido do Trabalho da



bre a imprensa albanesa.

Antes da instauração do poder popular na Albânia, existiam apenas dez

Respondendo a uma pergunta feita à mesa no nosso comício de 5 de Setembro, vamos falar resumidamente so-

RESPOSTAS :

escrevessem para a AAPA, fazendo perguntas, expondo as suas dúvidas, etc...

É por isso que, a partir deste número a revista passará a incluir regularmente a secção Perguntas e Respostas que, temos a certeza, irá contribuir para o esclarecimento da realidade albanesa de hoje.

Albânia. «Bashkimi» é o orgão central da Frente Democrática e tem também grande popularidade entre as massas. Além destes, que são os principais, todas as organizações de massas têm o seu jornal: «Puna» é o orgão das Uniões Profissionais (que correspondem aos nossos sindicatos); o «Zeri i Minise» é o orgão da União da Juventude do Trabalho da Albânia; a revista «Shqiptarja e Re» é orgão da União das Mulheres da Albânia; «Liftetari» é o orgão do Exército Popular; «Drita» é o jornal da União dos Escritores e Artistas e a revista «Ruga e Partise» é o orgão teórico do CC do PTA. Além destes existem ainda revistas ilustradas, literárias, satíricas, de economia, etc.

Publicam-se também jornais nos principais distritos e todas as instituições e ministérios têm os seus órgãos periódicos. Há ainda publicações de carácter mais restrito dirigidas aos sectores profissionais correspondentes e que tratam

de problemas relacionados com esses sectores e de estudos nos diversos domínios da ciência.

É importante assinalar que os principais órgãos da nova imprensa albanesa começaram a aparecer durante a guerra de libertação nacional, na maior clandestinidade. O «Zeri i Popullit» apareceu pela primeira vez em 25 de Agosto de 1942. Este acontecimento comemora-se anualmente como o dia da imprensa. «Bashkimi» também apareceu durante a guerra em 1943 e é também neste período que surgem os órgãos centrais de Juventude e da Mulher. Cada brigada do exército de libertação nacional tinha o seu jornal próprio e os batalhões tinham o seu jornal de bolso.

O papel da imprensa.

Na Albânia a imprensa é propriedade pública e tem um papel simultaneamente informativo e educativo. Ela serve de dinamizador da discussão popular sobre

todas as questões nacionais e internacionais e reflecte essas discussões e as suas conclusões. Quando qualquer lei é feita, ela é imediatamente publicada em todos os jornais para que todo o povo a possa discutir, criticar e propor alterações e só depois é publicada oficialmente. Toda a gente tem o direito de escrever para os jornais expressando as suas opiniões sobre qualquer questão. Isto não quer dizer que todas elas sejam publicadas, porque então não havia jornais que chegassem. O importante é que este aspecto possibilita a discussão geral e a elevação da consciência política do povo. Cabe ainda assinalar o papel importante desempenhado pelas «Flute Krufe» (Folhas Faísca).



A
CONFERÊNCIA
DA
"INSEGURANÇA"
EUROPEIA
continuação...

parte das super-potências e que possa ser assegurada por qualquer pedaço de papel sem valor, pelas declarações demagógicas e as promessas enganadoras dos imperialistas americanos e dos social-imperialistas soviéticos. Antes de tudo, é preciso afastar as bases militares e as tropas estrangeiras que se encontram ainda em vários países da Europa, lutando e opondo-se à política dos armamentos, das ameaças e da chantagem militar das super-potências, é preciso liquidar os blocos agressivos e os outros acordos

que os Estados Unidos e a União Soviética utilizam para a sua política de dominação e subjugação dos povos europeus. A paz e a segurança, o desanuviamento e a cooperação são problemas que não podem nem devem ser resolvidos senão pelos povos, através dum luta constante, consequente e firme contra as forças imperialistas e expansionistas que querem roubar aos povos e às nações aquilo que eles têm de mais caro: a liberdade, a independência e a perspectiva do seu futuro.»



O MEU E O NOSSO



ZANA VINÇANI, química: Várias vezes temos conversado sobre este assunto. Qual é o lugar que estas noções ocupam na nossa vida e como é que as encarnamos no nosso trabalho diário? A fábrica onde trabalhamos é nova, acaba de fazer 4 anos. Está equipada com os meios mais modernos. A nossa vida está ligada a esta fábrica, porque ela não pertence a uma só pessoa, nem a um grupo, ela é propriedade social, tal como todos os meios de produção do nosso país: é de todos nós. Na fábrica há um responsável e algumas encarregadas que coordenam o



LEONORA SOTIRAJ, operária do sector de soldadura: No sector onde trabalho temos duas encarregadas que dirigem toda a actividade. Nas primeiras duas horas dedicam-se à coordenação do trabalho e nas restantes 6 horas trabalham junto connosco. Em geral não existe nenhuma diferença entre nós. Somos companheiras de trabalho e ajudamo-nos mutuamente. Inclusivamente podemos afirmar que as diferenças que existem entre os nossos salários são praticamente simbólicas.



VIOLETA PRIFTI, vice-presidenta do Comité Profissional da fábrica, operária: na vida o homem tem momentos de felicidade e de tristeza. Por exemplo, ele adoece ou há um membro da sua família que se reforma... No nosso país a vida de todo o trabalhador, da cidade ou do campo está assegurada. Há algum tempo as nossas companheiras Engjellushe Puka e Fatmira Collaku cairam doentes, ausentando-se do trabalho por seis meses. Con tudo, durante todo este tempo que estiveram hospitalizadas não pagaram um só centavo, antes pelo contrário, durante esse tempo, assim como no período de convalescença, receberam o seu salário, de acordo com as leis dos Seguros Sociais. Os trabalhadores não pagam nada para os Seguros Sociais, cujos fundos estão garantidos pelo Estado.

Na nossa fábrica há muitas mães jovens para cujos filhos foi criada uma creche que

trabalho em todos os sectores, porque na realidade cada operário se interessa pelo bom desenvolvimento do trabalho, porque assim, contribuindo-se para o geral, para o "nossa", influencia-se o particular, o "meu". A partir de todo este "geral" criaram-se na Albânia os bens de que gozamos. Nos regimes anteriores à Libertação, quando a propriedade era privada, nem em séculos teria sido possível alcançar as coisas maravilhosas que agora alcançamos. A nossa fábrica é uma minuscula expressão destas transformações.

cas. A encarregada recebe um ordenado superior ao meu em um dia de salário.

O director, as encarregadas e os operários integram um organismo que tem objectivos comuns. Aqui não há patrões que mandem, que nos explorem e que depois nos atiram para a rua... Os "proprietários" somos nós mesmos, por isso o "nossa" permanece a cima de tudo.

nada lhes cobra até aos nove meses. Depois desta idade pagam uma percentagem insignificante.

Só no sector onde eu trabalho 30% das operárias estudam na escola média profissional que funciona na fábrica, noutras escolas secundárias ou em sucursais da Universidade de Tirana, criadas na nossa cidade. Nos dias de aulas, as operárias trabalham 2 horas menos enquanto que no período dos exames gozam de 20 dias de férias, sem nenhuma redução de salário.

Por conseguinte, no nosso país o "nossa" está em primeiro plano, porque fortalece o geral, a nossa contribuição materializa-se nas formas que acabo de mencionar, que, individualmente nunca seríamos capazes de realizar.

qual é a relação entre o "meu" e o "nós" na Albânia?

FALAM TRABALHADORAS DA FÁBRICA DE PLÁSTICO DE DURRES

FAT BARDHA DONA : operária na prensa hidráulica. Desde que comecei a trabalhar como operária, continuei os meus estudos secundários e, em seguida, matriculei-me na filial da Universidade de Tirana, estando agora no último ano do curso da faculdade de química e biologia.

Como membro dos grupos artísticos amadores da fábrica, quero assinalar que o Estado destina grandes fundos para desenvolver as actividades artísticas e desportivas em todas as empresas. Nos grupos amadores descobriram-se e desenvolveram-se muitos artistas de talento. Muitos artistas e desportistas profissionais surgiram destes grupos. A nossa empresa tem os seus conjuntos de danças populares, de teatro de variedades e u-

ma orquestra. Eu toco viola e participo num conjunto de raparigas. Os nossos grupos têm trajes tradicionais verdadeiramente ricos todos os meios necessários. Nos grupos artísticos e culturais participam muitos operários. O conjunto artístico do nosso teatro de variedades mereceu, por três vezes, a bandeira dos festivais realizados na região de Durres e vários dos elementos da nossa equipa de futebol fazem parte da equipa representativa da região de Durres.

Isto beneficia todos, e os gastos necessários são suportados pelo "geral", pelo "nós". Nós próprias não pagamos nada. O mesmo acontece com a biblioteca da nossa empresa.

SHPRESA FICI : responsável do sector. Muitas vezes acontece que, por uma ou outra razão, uma empresa ou uma fábrica encerre o seu balanço deficitário, mas, como no nosso país os meios de produção não pertencem a uma só pessoa ou sequer a um grupo, estas perdas são cobertas com a contribuição de outras empresas ou fábricas. E por isso que no nosso país estes casos não provocam a

redução dos salários, o aumento dos preços de determinados artigos nem o despedimento dos operários da fábrica que registou o deficit. Também aqui o "nós" está em primeiro lugar na nossa actividade. Expressando-nos de maneira figurativa, podemos dizer que o "nós" é como que uma grande árvore que quanto mais cuidada é mais frutos dá. E estes frutos somos nós que os gozamos.

FATIME REKA, técnica. O Estado paga-nos pelo trabalho que realizamos. Segundo a quantidade e a qualidade é fixado também o salário. No nosso país, pelo mesmo trabalho a mulher recebe um salário igual ao do homem

Sendo os meios de produção propriedade da sociedade constituem, simultaneamente a base da harmonia que temos em todos os sectores da fábrica. Aqui não existem conflitos. Sinceramente lhes digo que a fábrica nos atrai tanto como a nossa casa. Gostamos das nossas companheiras, que estão sempre a nosso lado, tanto nos dias felizes como nos

momentos de pesar. Somos como que uma grande família, com muitas irmãs e irmãos, que trabalha para o mesmo objectivo.

É isto que explica o facto de os trabalhadores desta fábrica se preocuparem tanto em criar novos modelos, em melhorar continuamente a qualidade dos artigos e em cuidar da maquinaria. Só este ano os trabalhadores apresentaram e produziram uns 20 novos modelos, ampliando a gama dos nossos artigos, e satisfazendo cada vez mais os pedidos dos consumidores.



A VIDA DA ASSOCIAÇÃO

COLABORA DIRECTAMENTE NO TRABALHO DA AAPA

Em Lisboa, na sede da AAPA (Rua da Alegria 76, 2 Esq) já se encontram em funcionamento diversas secções ("textos", "exposições", "biblioteca" e "arquivo") que preparam os materiais que são divulgados em todo o país.

Estas secções são abertas a todos aqueles que querem participar no seu trabalho, e são fundamentais para o desenvolvimento da Associação.

As "exposições" que existem neste momento já não são suficientes para responder aos pedidos que delas são feitos. Os "textos" têm que sair mais frequentemente e o seu conteúdo tem que ser melhorado. A "biblioteca e o arquivo" têm

que ser arranjados para que se tire o maior proveito possível dos livros e textos que possuímos já (na sua maioria oferecidos pelo governo da Republica Popular da Albânia).

Contamos com o entusiasmo de todos aqueles que possam colaborar directamente no trabalho central da Associação pois ele é a condição fundamental para que se quebre, cada vez mais, o desconhecimento que ainda existe no nosso país sobre a realidade albanesa e para que os laços de amizade se fortaleçam cada vez mais entre os povos português e albanês.

EXPOSIÇÕES de FOTOGRAFIAS EXISTENTES NA ASSOCIAÇÃO ENVIADAS POR TIRANA

- "30 anos de Socialismo"
- "30º aniversário da libertação - desfile de 29 Nov"
- "As Eleições da Albânia"
- "A saúde Pública"
- "A criança na Albânia"
- "O 1º de Maio, sob o signo do Internacionalismo Proletário"

REVISTAS ALBANESAS

Encontra-se à venda, na sede, a Revista Albanesa "Albânia Nueva" (em espanhol)

A.T.A.

A Associação tem editado selecções da notícias mais importantes publicadas pela Agência Telegáfica Albanesa, em português. Encontram-se à venda nas sedes.

X X X

REALIZAÇÕES DA ASSOCIAÇÃO DE AMIZADE

Além dos Comícios realizados no Porto e em Lisboa, e que vêm notícia dos outros locais, realizaram-se uma série de pequenas "Sessões de esclarecimento" sobre a realidade Albanesa em diversos pontos do País, das quais destacamos:

NORTE:

Uma exposição e uma Sessão de Slides foram realizadas em Miranda do Douro, Sendim e S. Martinho (17 e 18 Agosto). Do mesmo modo, em Penafiel, Francos e Barcelos (Ass. Recreativa e Cultural Popular de Barcelos) esteve patente ao público uma exposição durante alguns dias.

Em Guimarães e em V. Nova de Gaia estiveram expostas várias exposições fotográficas que nos foram enviadas de Tirana.

Realizaram-se ainda projecções de slides em V. N. de Gaia e em Celorico de Basto.

SUL:

Exposições da Associação estiveram no Refeitório da Academia e na E.P. A. M. e em Setúbal. Em todos estes locais foram realizadas projecções de slides. Em Setembro e em Outubro realizaram-se exposições em Moscavide, Setúbal (casa bocage) na SACOR (cantina) na Baixa da Banheira e na Incrível Almadense. Realizaram-se também projecção de slides.

A VIDA DA ASSOCIAÇÃO

PUBLICAÇÕES DA ASSOCIAÇÃO DE AMIZADE A VENDA NA SEDE :

Albânia - terra do homem novo, nº 1, 2, e 3

A luta anti-fascista de libertação nacional

Albânia - a luta pela libertação

A Via Seguida, na Albânia, para a colectivização
da Agricultura

Uma Mãe, (conto)

O controle Operário na Albânia

Como são as eleições

A saúde Pública

Albânia - farol do Socialismo na Europa

Todos os outros textos já editados pela Associação encon-
tram-se, de momento, esgotados.

Encontram-se em preparação textos sobre o papel da mulher na sociedade albanesa, sobre o ensino e sobre a cooperativização e colectivização dos campos na Albânia.

RÁDIO TIRANA - A VOZ DA REPÚBLICA POPULAR DA ALBÂNIA

0 h - 1 h	31 e 42 met.
2 h - 3 h	31 e 42 met.
8 h - 9,30 h	31 e 49 met.
11 h - 11,30 h.....	25 e 41 met.
22,30 h - 23 h	31 e 49 met.

AS SEDES DA ASSOCIAÇÃO ENCONTRAM-SE ABERTAS
às segundas, quartas e sextas das 16 h às 19 h e das 21 h
às 23 h
aos sábados, das 16 às 19 h



S. Martinho

GRUPO CULTURAL



Sendim



Miranda do Douro



Comício da AAPA no Porto
(Pav. do Académico)

